

Biblioteca Vida e Missão

Pastorais

Nº 01 - Carta Pastoral sobre Batismo

Metodismo

Nº 01 - As marcas básicas da identidade metodista

Documentos

Nº 01 - Plano para a vida e a missão da Igreja

Nº 02 - Eleições 1994

Celebrações

Nº 01- Natal, cantos e contos

Ministérios

Nº 01 - Os Juvenis

Nº 02 - AIDS: Desafio pastoral e solidariedade

Nº 03 - Estive preso e fostes ver-me (Manual prático para o ministério cristão carcerário)

BIBLIOTECA
VIDA E MISSÃO

PASTORAIS
METODISMO
MINISTÉRIOS
CELEBRAÇÕES
DOCUMENTOS
BÍBLIA

*Instrumentos
para o estudo da
Bíblia*

IGREJA METODISTA
COLÉGIO EPISCOPAL

SILAS LAIN PUPO
ADVOGADO

Instrumentos
para o estudo da
Bíblia

Hans Ruedi Weber

Bíblia - nº 01

1996

IGREJA METODISTA
COLÉGIO EPISCOPAL

Instrumentos para o estudo da Bíblia

Biblioteca Vida e Missão

Bíblia – Nº 01

Texto: Hans Ruedi Weber

Coordenações:

Coordenação Nacional de Ação Missionária:
Natanael Garcia Marques

Coordenação Nacional de Ação Docente:
Lúcia Leiga de Oliveira

Coordenação Nacional de Ação Administrativa:
Aluizio Farias de Siqueira

Coordenação Editorial: Bispo Nelson Campos Leite

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica: Luiz Carlos Ramos

Impressão e acabamento: Copas Graf Gráfica e Editora LTDA

Pedidos e vendas:

*Imprensa Metodista
Av. da Liberdade, 655
01503-010 Liberdade – São Paulo, SP
Telefone (011) 278-6388*

SILAS LAIN PUPO
ADVOGADO
Índice

Apresentação	05
Prefácio	07
I. Três enfoques complementares	09
1. A leitura literária e histórica	10
2. A leitura teológica e meditativa do texto	13
3. A leitura crítica e de conversão	18
II. O Método a ser seguido	23
1. Instrumentos para o estudo da Bíblia	24
2. Planos para o estudo bíblico	28
3. Participação no estudo	29
III. O processo de interpretação	35
1. Da tradução à interpretação	36
2. Episódios interpretados	37
3. Uma unidade que deve ser sempre descoberta de novo	38
4. Interpretação contínua	40
5. Quando “não há palavras do Senhor”	42

Apresentação

No programa *Biblioteca Vida e Missão*, a Coordenadoria Nacional de Ação Docente da Igreja Metodista coloca à disposição das instituições teológicas, professores/as e alunos/as, cursos de formação e capacitação de obreiros/as e liderança da Igreja em geral este livreto para aprofundamento na leitura dos textos bíblicos.

Este material foi produzido originalmente pelo Dr. Hans Ruedi Weber, do Conselho Mundial de Igrejas, e publicado em espanhol pela Comissão Evangélica Latino-americana de Educação Cristã (Celadec).

Para o aprofundamento e aprimoramento da leitura e reflexão bíblica este trabalho propõe três tipos de leitura: *literária e histórica, teológica e meditativa e crítica e de conversão*. Além disto discorre sobre método e processo de interpretação.

A Coordenadoria Nacional de Ação Docente deseja que este livreto colabore para uma leitura científica e histórica da Bíblia e uma contextualização de sua mensagem à realidade brasileira e aos desafios de uma Igreja Ministerial e Missionária.

Prefácio

Por que estudar a Bíblia?

Em nível geral, o estudo da Bíblia é importante porque é uma obra clássica na literatura universal que formou a história da Igreja e influenciou períodos da história universal.

Em nível cristão a Bíblia preserva o testemunho sobre o qual a Igreja está fundamentada e a torna acessível em sua forma mais fidedigna.

Como cristãos estudamos a Bíblia, em primeiro lugar, porque “ela torna audível a Palavra de Deus e é por isto capaz de conduzir as pessoas à fé”. Um recente documento ecumênico sobre a Autoridade da Bíblia, afirma:

“Certamente a Bíblia tem autoridade como documento literário que merece ser lido. É, ainda mais, de ineludível significação como testemunho autorizado que foi entregue à Igreja. Mas, quando falamos da autoridade da Bíblia, não dizemos autoridade simplesmente neste sentido. O que queremos dizer é que através da Bíblia Deus prova que Ele é o Senhor e Redentor”.

Uma coisa não é importante ou verdadeira para todas as pessoas simplesmente porque está na Bíblia. A mensagem mesma deve provar sua importância e verdade, tal como realmente o tem feito através da história da Igreja. Nem todos os textos falam a todos os tempos, a

todos os crentes e Igrejas da mesma maneira. Na realidade, muitos textos podem manter-se “silenciosos” para nós, hoje, ainda que tenham falado energicamente a outros crentes em seu próprio tempo e circunstâncias, assim como outros textos podem ganhar melhor significado para os cristãos de futuras gerações. O estudo da Bíblia é, por isso, um *experimento*. Por ele provamos como e através de que textos bíblicos o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus revelado em Jesus Cristo prova que Ele é o caminho, a verdade e a vida para nós e para nossa sociedade também hoje.

Este *experimento* pode ser realizado de maneira mais eficaz em comunidade, junto com outros crentes e, algumas vezes, também com homens e mulheres de outra fé ou inclusive de nenhuma crença. Seguindo este caminho, o estudo da Bíblia não é nem uma conferência exegética de um especialista e nem uma simples discussão de grupo na qual cada um conta “suas experiências religiosas”. O mais importante é escutar tanto o texto bíblico quanto os problemas e esperanças de nossa situação contemporânea e confrontar a ambos. Algumas vezes o ponto de partida será o *texto*, cuja mensagem é transportada e interpretada para a situação presente; outras vezes o ponto de partida será, pelo contrário, a *situação atual*, que deve ser compreendida, avaliada, julgada e renovada à *luz dos textos bíblicos* e suas perspectivas.

I. Três enfoques complementares

Quando os cristãos estudam a Bíblia, o fazem seguindo três pressupostos e expectativas:

- 1) Em cada passagem bíblica, membros do povo de Israel ou da Igreja Primitiva puseram por escrito um testemunho sobre o que Deus ensinou, a eles e a suas comunidades em seu próprio tempo e situação. Este é o caráter literário e histórico dos textos bíblicos que nós devemos explorar no experimento do estudo bíblico.
- 2) Através dos testemunhos bíblicos Deus nos revela algo sobre sua própria vontade e propósito com respeito à pessoa e a sociedade, a criação e a história, o povo de Israel e a Igreja. Esta dimensão reveladora dos textos bíblicos torna-se evidente, ou mais compreensível, no experimento do estudo bíblico.
- 3) Através dos textos bíblicos Deus nos leva a uma *crise* e nos dirige a um chamado. Este é o efeito crítico e de conversão que devemos enfrentar ao realizar o estudo bíblico.

Os parágrafos abaixo contém sugestões sobre a maneira como estes três pressupostos e expectativas po-

dem chegar a ser operacionais na prática do estudo bíblico. Para levar adiante um experimento de estudo bíblico, naturalmente deve ser considerados os seguintes problemas e tarefas:

1. A leitura literária e histórica

A Bíblia é um livro muito humano. Na realidade é toda uma coleção composta de 66 volumes escritos em um período que vai de 1.000 a.C. (antes de Cristo) até o ano 100 d.C. (depois de Cristo). Ele contém poemas e orações, histórias e lendas, cartas e visões, e muitos outros tipos de literatura. Alguns dos "volumes" desta coleção são simples imagens (por exemplo a Carta a Filemon), outros são histórias verídicas. Existem outros livros muito complicados onde o redator colocou, de maneira conjunta, diferentes acontecimentos e interpretações do mesmo sucesso (por exemplo o livro de Gênesis); finalmente, alguns "volumes" são pequenas coleções, tais como o livro dos Salmos, ou o livro de Jeremias (que contém não somente as palavras do profeta, mas também material biográfico sobre ele, e apêndices posteriores). A fim de explorar este caráter literário e histórico dos textos bíblicos podem ser formuladas as seguintes perguntas:

a) Quem fala, quando fala, onde fala, e a quem fala?

- Quem fala, de acordo com as indicações dadas no texto e seu contexto imediato?

- Em nome de quem fala? Quem fala usa intermediários?

- O que o texto e seu contexto indicam sobre a pessoa ou pessoas a quem está dirigida a sua mensagem?

- Onde e quando aconteceu o fato ou diálogo contido no texto, de acordo com as indicações dadas no texto e seu contexto?

b) Qual a estrutura literária do texto?

- Subdivide-se o texto em suas partes principais e analisa-se as personagens que encontramos e o que se diz nestas diferentes partes.

- Há no texto um movimento que conduz a um clímax?

- Sendo possível, leia-se o texto em forma de dramatização.

c) Qual o tipo de literatura apresentada no texto?

- O texto tem caráter litúrgico, poético, jurídico ou didático, ou é um informe e interpretação dum acontecimento, ou é parte de um diálogo?

- Se é essencialmente um texto litúrgico, é uma súplica, um hino, uma confissão?

- Se é uma história, funciona principalmente como um informe, uma parábola, uma alegoria, etc?

d) Quais os termos chaves e as imagens contidas no texto?

- Há um ou vários termos chaves e imagens que dominam o texto? Quais são?

- Quais termos e imagens favoritos do autor da passagem?

- Que significam estes termos ou imagens na Bíblia em geral?

- Há um significado específico para estes termos ou imagens no texto que examinamos em particular?

– Quais os sinônimos ou antônimos próprios para estes termos ou imagens? (Às vezes isso é proveitoso não só para visualizar as imagens, mas para detalhá-las).

e) Qual o ambiente do texto?

Tendo aprendido da terminologia, da estrutura literária e do estilo do texto, é bom complementar esta informação com aquilo que podemos aprender das descobertas arqueológicas, estudos históricos e a comparação com documentos literários extra-bíblicos do mesmo período:

– Situe o provável ambiente geográfico do texto bíblico em um mapa do Oriente Próximo nos tempos antigos.

– Examine se os atlas e enciclopédias da Bíblia contém fotografias de escavações de monumentos que ilustrem os ambientes político, cultural, religioso.

– Averigüe que historiadores (se for possível aqueles mais antigos) escreveram sobre o lugar e tempo nos quais o texto foi originalmente situado.

– Confronte o texto com os escritos extra-bíblicos do mesmo período e região e examine quais são as semelhanças existentes e também as características especiais dos textos comparados.

– Procure captar a “sensação” da vida diária na qual e pela qual foi escrito o texto bíblico examinado.

f) Qual a mensagem do texto?

Tendo como base os exames literários e históricos a que se referem os itens anteriores, procure formular qual foi a mensagem particular que o autor, originalmente, desejava comunicar aos primeiros ouvintes e/ou leitores do texto.

– O texto reforça alguma afirmação que já tenha sido feita no contexto precedente ou contém uma nova mensagem, seja na forma de comunicação de novos dados ou na forma de uma nova interpretação de um dado já conhecido?

– Com freqüência os textos bíblicos são como uma gravação de um lado duma conversa telefônica. Nós ouvimos somente uma parte do diálogo e devemos adivinhar quais foram as perguntas às quais o texto responde, quais as possíveis heresias que este texto deseja corrigir, as dúvidas e temores que deseja superar, e a fé e esperança que deseja fortalecer.

– Dê ao texto um título que contenha a mensagem particular da passagem.

(Ao responder tais perguntas você começa já um segundo passo no estudo da Bíblia, a saber, a leitura teológico-meditativa do texto)

2. A leitura teológica e meditativa do texto

A Bíblia não é somente um livro completamente humano, contudo – como foi estabelecido antes – devemos enfocar o texto bíblico com a expectativa de que Deus quer falar-nos. Essa tem sido a crença da Igreja através dos séculos a respeito da doutrina da inspiração da Bíblia. O documento anteriormente citado sobre a “Autoridade da Bíblia” aceita esta noção de inspiração, mas a reinterpreta:

“Se o chamado de Deus é experimentado na forma competente na Bíblia, não significa isto que por detrás da Bíblia está a atividade do mesmo Deus, quer dizer, de seu Espírito? Não é o testemunho da Bíblia, de uma

maneira muito especial o próprio testemunho de Deus para conosco? Se falamos neste documento de inspiração, é importante observar a diferença fundamental entre este enfoque e a tradicional doutrina da inspiração. O que, na doutrina tradicional, é uma suposição dogmática, neste documento é o resultado da experiência na qual a mensagem da Bíblia prova que tem autoridade”.

Se, no experimento de estudo bíblico, acontece esta manifestação da Palavra de Deus – e de certo modo todos os experimentos conduzem a tal manifestação! – então o texto bíblico deixa de ser um simples documento literário e histórico do passado para se transformar numa revelação. Especialmente na Igreja Ortodoxa tem sido enfatizado este tipo de estudo da Bíblia que além do exame literário e histórico, vai a uma compreensão teológica e a uma meditação. “A leitura ortodoxa da Bíblia busca o equilíbrio, nunca rompido, entre estas duas perspectivas: partindo de uma imagem histórica até à contemplação do ícone onde a história se torna transparente e nos manifesta a meta-história da economia da salvação” (P. Evdokimov). Para explorar este significado teológico do texto se podem formular as seguintes perguntas:

a) A tendência teológica

– A Bíblia contém muitas tradições diferentes de fé e “teologia”. A que tradição pertence o texto examinado?

– Que afirmações de fé anteriores consignadas em uma primeira parte do Antigo e/ou Novo Testamento, são reafirmadas, reinterpretadas ou até questionadas neste texto?

– De que maneira a afirmação de fé feita neste texto é reafirmada, reinterpretada ou contestada numa passagem posterior do Antigo e/ou Novo Testamento?

– A tendência teológica contida no texto examinado ainda está presente na Igreja de hoje? Se não, por que é ignorada ou contradita atualmente?

b) A confissão de fé

Alguns textos bíblicos são realmente confissões de fé do povo de Israel ou da Igreja Primitiva; é assim que a maioria dos textos revelam algo no conteúdo da nossa fé:

– O que o texto examinado revela em relação aos propósitos de Deus para o mundo que ele criou e para seu povo eleito?

– O que o texto examinado revela sobre a dignidade e a vocação humanas dentro da natureza e da história?

– O texto examinado lança novas luzes sobre alguma afirmação de fé contida nos tradicionais credos da Igreja?

– O texto afirma algo que não se encontra nos tradicionais credos da Igreja, mas deveria ser confessado hoje? Se é assim, exponha a mensagem do texto na forma de um credo.

– As confissões de fé não são “simples palavras”. Com frequência uma obra de arte expressa a fé de melhor maneira que uma declaração verbal. Há esculturas, pinturas, fotografias, que expressem a confissão de fé contida no texto examinado? Faça uma coleção de imagens extraídas de revistas ilustradas que expressem o mesmo que a confissão.

c) A oração

- Alguns textos bíblicos são, na realidade, orações. Isto é verdadeiro para o texto examinado? Se é assim, que tipo de oração é? Realize um momento de oração lendo o texto.

- Mesmo que o texto bíblico não tenha conotações de oração, é bom orientar a meditação até ela: escrevendo uma oração de adoração, de confissão de pecados, petição ou intercessão, de modo que o texto seja base para uma oração.

- Algumas vezes a meditação de um texto bíblico pode conduzir a um verdadeiro serviço de culto centrado neste texto com suas correspondentes orações, lições de escritura sagrada, cânticos e ações simbólicas.

d) Os sacramentos

- Há uma relação direta ou indireta entre o texto e os sacrifícios no templo de Jerusalém ou os sacramentos do batismo e da santa ceia?

- Textos não sacramentais inclusive com frequência lançam novas luzes sobre o significado dos sacrifícios do Antigo Testamento e os sacramentos do batismo e da santa ceia. A afirmação do texto é reafirmada por nossos ensinamentos e liturgias do batismo e da eucaristia? Se não é assim, deveria sê-lo? Como poderia ser feito isto?

- O significado sacramental, explícito ou implícito do texto examinado, nos ensina algo sobre a relação entre os sacramentos e nossa vida quotidiana?

e) Parábolas, símbolos e mímicas (representações)

O resultado da meditação – o que foi visto anteriormente – pode ser, com frequência, expresso não somente através de um ensino direto, mas também de uma breve história, um sinal visível ou um movimento corporal:

- o texto examinado contém algumas parábolas, símbolos ou representações?

- Se a resposta é afirmativa, encontre parábolas, símbolos e mímicas contemporâneas que comuniquem a mesma mensagem.

- Mesmo que o texto examinado não contenha parábolas, símbolos ou mímicas, trate de comunicar o resultado de sua meditação sobre o texto através de: uma parábola moderna, um sinal que fale às pessoas hoje, ou uma atitude ou movimento de seu corpo.

A leitura teológica e meditativa da Bíblia tem o perigo inerente de se tornar uma busca geral pela verdade, na qual cada um perde de vista a mensagem específica que o texto comunicava originalmente e que poderia comunicar hoje. Por outro lado, este enfoque corrige o aspecto unilateral da leitura literária e histórica da Bíblia, e nos ajuda a ser sensíveis ao que Deus deseja ensinar-nos no experimento do estudo bíblico.

3. A leitura crítica e de conversão

A Bíblia é um livro crítico. O sinal de crise na linguagem chinesa significa “oportunidade perigosa”. O experimento do estudo bíblico cria, indiscutivelmente, oportunidades perigosas. Os textos bíblicos trazem julgamentos. Eles desafiam nossa velha maneira de pensar,

de fazer e de ser e nos chamam à “metanóia”, à conversão a uma nova forma de pensar, de atuar e de ser. O relatório ecumênico já citado diz sobre este assunto:

“Os escritores bíblicos tratavam de falar e agir em resposta aos desafios de seu próprio tempo. O supremo desafio era a mensagem mesma, mas além disso havia também a confrontação com os movimentos contemporâneos tais como o sincretismo, o culto ao imperador, o gnosticismo, etc. A mensagem devia provar-se a si mesma no meio de uma constante controvérsia. A Bíblia começa a falar mais efetivamente quando é lida no contexto das correspondentes controvérsias do nosso próprio tempo. Ela tem que ser, por isso, exposta ao desafio da situação existente num tempo dado. Isso também significa que a Bíblia não é um livro religioso no sentido usual, isto é, somente para uso litúrgico. Pelo contrário, ela tem de ser posta numa relação de dupla direção com os problemas de nosso tempo”.

A fim de experimentar estes efeitos críticos e de conversão dos textos bíblicos se podem formular as seguintes perguntas:

a) Pertinência imediata

Há situações em nossa vida nas quais certos textos ou perspectivas bíblicas aparecem imediatamente em tópicos ou temas e falam diretamente como se tivessem sido especialmente escritos para nós; quando uma criança nasce ou morre, quando agredimos a um amigo, quando estoura uma guerra, ou quando se obtém uma vitória.

Em tais situações não se necessita preparar nem sustentar nenhum estudo laborioso da Bíblia. A única coisa que se pede aos fiéis é a aceitação do milénar, e ao

mesmo tempo novo juízo, promessa ou exigência, e unir-se à velha mais sempre nova queixa, protesto profético ou hino de alegria.

b) Participação no drama do texto

Quando o texto não nos fala diretamente na forma mencionada acima, às vezes é suficiente simplesmente participar na trama do texto a fim de permitir que o mesmo nos fale novamente. A maioria dos textos bíblicos são na realidade cenas e fragmentos de diálogos do grande drama da salvação: este caráter dramático dos textos bíblicos deve ser não somente estudado (comparar com o ponto 1.b), mas também é bom participar nele. Depois da leitura dramatizada do texto, havendo feito uma divisão dos papéis, procure traduzir a cena ou diálogo para o mundo de hoje usando a linguagem, imagens e pensamentos de nosso tempo e sociedade.

Outra maneira de entrar no drama do texto é tornar a contá-lo desde o ponto de vista de todas as personagens da passagem bíblica.

c) Auto-exame

Muitos textos e noções bíblicas constituem uma excelente base para a realização de um auto-exame.

— Quais os temores e pecados próprios, ou da sociedade na qual vivo, que são desmascarados pelo texto examinado?

— Quais são as esperanças e promessas contidas neste texto para o nosso tempo e meio ambiente?

— Quais as exigências que Deus nos faz através deste texto, a mim e à sociedade na qual eu vivo?

— Tal auto-exame deveria conduzir à escrita de uma oração de confissão e petição, de tal maneira que o auto-

exame não pare aí, mas conduza à oração e ao compromisso concreto na vida diária.

d) Confrontações

- Que tendências, na teologia moderna e na espiritualidade cristã, afirmam ou contradizem o texto examinado?

- Que ditos populares, canções e slogans modernos afirmam ou contradizem o texto?

- Tente escrever o texto na forma de um artigo jornalístico que possa ser publicado num jornal secular.

- Procure transcrever a mensagem do texto com desenhos (inscrições ou esquemas rápidos, simples e chamativos) num quadro ou painel (se o texto tem caráter polêmico, pode ser melhor traduzido num diálogo escrito no qual ambos, o propósito que é desafiado pelo texto e a contra-declaração do texto, estão expressos nos desenhos).

e) Novas perspectivas

- No século XIX, J. C. Blumhardt conduziu os estudos bíblicos desta forma: numa semana era examinado um texto bíblico; na semana seguinte um artigo jornalístico, e na terceira semana outra vez um texto bíblico, etc. Ele estava convencido de que nossos olhos de fé deveriam ser abertos pelo estudo da Bíblia de maneira que fôssemos capazes de discernir o que Deus está fazendo no mundo de hoje. A leitura do jornal sem que se faça um verdadeiro estudo bíblico é algo superficial. Do mesmo modo, fazer o estudo da Bíblia sem a leitura do jornal chega a ser algo insípido e morto. Esta maneira de entender o jornal à luz da Bíblia, e a Bíblia à luz do jornal, conserva seu valor até hoje.

- Frequentemente é bom ler um texto bastante conhecido tendo em mente um fato concreto (bom ou mau) da história pessoal, local ou mundial; o fato de lê-lo pensando em uma pessoa ou grupo concreto (amigos ou inimigos), pessoas a quem queremos ou que nos irritam. Que significa este texto para o nosso compromisso no fato considerado, ou para nossas relações com a pessoa ou grupo mencionado e lembrado?

Esta leitura que insiste no desafio de uma passagem põe tanta ênfase no aqui e agora que se pode correr o risco de perder de vista o ambiente e a mensagem original do texto. Porém, este enfoque pode corrigir duas coisas:

a. o estudo da Bíblia demasiadamente abstrato, através de uma análise literária e histórica.

b. o caráter demasiadamente geral de uma leitura teológica e meditativa.

Deve-se recordar, porém, que a maioria dos textos bíblicos não nos dão respostas diretas para as perguntas e problemas de hoje. Um texto não é importante só porque é de relevância imediata para nossas perguntas. Sua relevância pode estar num nível mais profundo, isto é, confrontando-nos com questões básicas e possibilidades que nós ou temos esquecido ou não nos atrevemos a encarar.

II. O Método a ser seguido

Não é este ou aquele método que garante que se produza a manifestação imediata da Palavra de Deus no experimento do estudo bíblico. Isto só pode acontecer pelo poder do Espírito Santo. O estudo da Bíblia não requer, necessariamente, começar com uma oração formal, mas deve ser iniciado sempre com a petição: Vem, Espírito Criador!

Esta íntima conexão entre o estudo da Bíblia e o trabalho do Espírito mostra a outra conexão básica, a saber, a conexão entre o estudo da Bíblia e a Igreja. O relatório antes mencionado sobre a "Autoridade da Bíblia", inclui os seguintes comentários e perguntas sobre este assunto:

"Sempre que a interpretação contemporânea conduza as pessoas ao conhecimento da Bíblia como obra do Espírito, devemos recordar a longa linha de testemunhos inspirados que têm influenciado esta interpretação... O Espírito atua na Igreja. De que maneira ele age na comunidade histórica da Igreja em relação à sua obra na vida do[a] cristão[ã] como indivíduo? Podemos afirmar que é somente dentro da comunidade da Igreja onde as Escrituras podem ser lidas e realmente escutadas como Palavra de Deus criada pelo Espírito?"

Qualquer que seja a resposta dada a estas perguntas, claro que a prática do estudo bíblico não é uma prática solitária. Nem pode ser conduzida de acordo com nossos programas e métodos fixados de uma vez por todas.

Devemos desconfiar dos métodos. O termo “methodeia” aparece somente duas vezes na Bíblia, e em ambas as vezes se refere aos métodos do demônio (Efésios 4.14; 6.11). Porém seria perigoso demais ignorar a importância dos métodos, porque eles podem chegar a ser meios ou empecilhos do Espírito Santo. Por isso devemos libertar-nos dos dois ou três métodos fixos que consciente ou inconscientemente sempre usamos.

Não há um método ideal. Mesmo o melhor método difere de acordo com os textos estudados, a composição dos grupos, o lugar da reunião, o tempo disponível, os dons do líder do estudo bíblico (um termo melhor seria *Guia* do Estudo Bíblico), etc. Todos estes fatores tornam impossíveis certos enfoques enquanto que sugerem outros como boas possibilidades. Entre estes, deve ser escolhido o melhor.

1. Instrumentos para o estudo da Bíblia

Não é necessário nenhum laboratório caro para se realizar experimentos de estudo bíblico. Os dois requisitos básicos são: *Bíblias* (ou simplesmente algumas passagens bíblicas), e *Pessoas* que tenham humildade para escutar e compartilhar com as outras, expectativas para descobrir novas coisas e coragem para mudar.

Para preparar um esquema do estudo bíblico são necessários, sem dúvida, alguns instrumentos. Estes podem ser, proveitosamente utilizados também no decor-

rer do próprio experimento. Devemos estar atentos para que estes instrumentos não se tornem um fim em si mesmos. Eles só são importantes enquanto ajudam a relacionar os textos bíblicos com as pessoas.

a) O texto original reconstruído

Os manuscritos originais dos 66 volumes da coleção bíblica estão perdidos. Este é o caso também para todos os manuscritos originais dos escritores clássicos, gregos e romanos, dos quais muitos trabalhos estão à nossa disposição somente através de cópias posteriores à Idade Média. As mais antigas cópias do Novo Testamento que foram encontradas datam do século IV d. C., mas são somente textos isolados – os chamados papiros – cuja antigüidade remonta aos séculos II e III d.C., e a qualquer momento se pode encontrar manuscritos que remontam ao primeiro século. Este grande intervalo de tempo entre os escritos originais e as cópias mais antigas encontradas pode parecer decepcionante para muitos. Deve-se recordar, porém, que, nos tempos bíblicos, a transmissão oral das tradições de uma geração a outra era muito mais exata do que é hoje em dia. Seguramente ocorreram alguns erros, “correções intencionais e não intencionais”, omissões e adições, mas as mais antigas cópias encontradas variam só ligeiramente. Por isso se pode estar bastante seguro de que os textos originais hebraicos e gregos reconstituídos, que são o resultado de muitos séculos de trabalho erudito, correspondem quase que exatamente ao texto dos manuscritos originais que se perderam.

b) O Cânon do Antigo e Novo Testamentos

Os escribas judeus tinham que escolher entre o sempre crescente número de escrituras santas e decidir quais poderiam constituir o "Cânon, que é a lista autorizada de livros, ou Bíblia – que poderia servir como um critério para a vida judia. Este processo de seleção e ordenamento começou, provavelmente, no tempo de Esdras, e foi terminado por volta do fim do primeiro século d.C. Sem dúvida, o resultado foi dois cânones diferentes que compreendiam aproximadamente os mesmos livros e textos, mas diferiam com respeito à seqüência dos livros. O Antigo Testamento hebraico (*Massorah*), singulariza os cinco primeiros livros = Pentateuco, como a definitiva e normativa *Torah* (Lei), seguida pelos Profetas (*Nebyym*) que vão de Josué até Malaquias, e os Escritos (*Ketubym*) por exemplo, Salmos, Jó, Daniel, terminando com as Crônicas. A primeira tradução grega do Antigo Testamento (a *Septuaginta*, ou Setenta, que foi terminada até finais do século II d.C.), começa com os livros legislativos e históricos, seguidos pelos livros poéticos, e terminando com os profetas. Ela inclui alguns livros não contidos na *Massorah*. A maioria das Igrejas cristãs tem adotado uma seqüência semelhante à da Septuaginta, ainda que de ordinário seguem o texto da *Massorah*. A maioria das Igrejas também faz uma clara distinção entre os livros canônicos da *Massorah* e os deuterocanônicos e os livros apócrifos acrescentados pela Septuaginta.

A elaboração do Cânon do Novo Testamento teve uma história similarmente complicada. Até hoje existem algumas diferenças entre as Igrejas cristãs sobre os livros que pertencem ao Novo Testamento e sobre a

ordem que deveriam ter. Os Nestorianos excluem algumas cartas apostólicas e o Apocalipse, enquanto a Igreja da Etiópia inclui também alguns escritos patrísticos. Porém, a maioria das Igrejas seguiu o Cânon do Novo Testamento que foi concluído no ano 200 d.C. e que as Igrejas Ocidental e Oriental aceitaram oficialmente no final do século IV d.C.

c) Traduções

O trabalho de traduzir os textos bíblicos começou muito cedo. Muitos dos primeiros cristãos, não podiam ler a Bíblia Hebraica original, mas usavam a Septuaginta, que é a tradução grega do Antigo Testamento. Principalmente durante o último século e meio o trabalho de tradução pelas Sociedades Bíblicas se desenvolveu amplamente de modo que a totalidade, ou algumas porções das Escrituras, estão agora à nossa disposição em quase 1500 idiomas e dialetos do mundo.

d) Vocabulário

As palavras têm sua própria história, assim como significado diferente para cada povo de acordo com a época histórica que vive. Por isso é importante saber qual foi o significado de cada palavra no tempo em que ela foi usada e quais eram as palavras preferidas do autor. Para esta finalidade, é melhor usar Concordâncias, Dicionários, e às vezes estatísticas dos termos bíblicos.

e) Sinopses

Os três primeiros Evangelhos, com freqüência, informam acerca dos mesmos ditos de Jesus e dos mesmos acontecimentos de sua vida, às vezes também na mesma seqüência, enquanto que João o fez de sua própria ma-

neira em seu testemunho sobre Jesus Cristo. Por isso é interessante ver os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas juntos. Uma Sinopse = paralelos (visão conjunta) é um livro onde os textos destes três Evangelhos são impressos lado a lado em três colunas, de modo que o relato de Mateus, Marcos e Lucas, acerca dos mesmos ditos ou acontecimentos apareçam na mesma página. Este se constitui em um instrumento essencial para descobrir, não somente as coisas comuns aos três Evangelhos, mas também o que é característica especial de cada um deles.

f) Meio Ambiente e História

Os escritores bíblicos foram, por um lado, filhos do seu tempo e meio, e, por outro lado, freqüentemente falaram, agiram e esperaram mudanças impossíveis nos costumes e tendências do seu tempo. Contudo, não viveram no vazio.

2. Planos para o Estudo Bíblico

Existem, relativamente, poucos livros que tratem sobre o estudo da Bíblia, e que estimulem realmente a participação de todos no descobrimento de dados literários e históricos de um texto bíblico, seu significado teológico, e seu desafio para hoje. Por isso, mais freqüentemente, se deverá adaptar os planos de estudo existentes ou preparar novos projetos que se adaptem melhor ao grupo e ao ambiente do estudo escolhido.

Ao formular um plano de estudo bíblico o cuidado maior deverá ser colocado na seleção das perguntas e tarefas que ajudarão os membros do grupo a descobrir, por si mesmos, o que Deus nos ensina através de um determinado texto numa situação específica. Nunca se deverá responder a todas as perguntas de uma vez; nem

sequer uma parte substancial das perguntas e tarefas sugeridas no capítulo anterior: "Três Enfoques Complementares". Será bom, contudo, incluir em cada plano de estudo bíblico pelo menos uma pergunta sobre cada um dos três enfoques antes mencionados. Se não se pode contemplar os três enfoques durante uma sessão de estudos, é bom prever várias sessões para o estudo do mesmo texto.

As perguntas e tarefas, antes sugeridas com respeito aos três enfoques complementares, não significam uma lista completa. Há textos e situações onde se terá que discernir ainda outros enfoques e formular perguntas distintas e tarefas.

Quando desejamos ler um livro, não compramos ou pedimos emprestado uma biblioteca inteira referente ao mesmo tema. Da mesma maneira, nem sempre é necessário ter todas as Bíblias disponíveis para o experimento do estudo bíblico. Com freqüência, é melhor fotocopiar o texto bíblico que será estudado de modo que possam ser citadas as diferentes traduções. Para os textos sinóticos se pode fazer uma apresentação sinótica. Mas ainda podem ser facilmente acrescentados alguns outros textos bíblicos e/ou extra-bíblicos que podem ser de ajuda para examinar a passagem a ser estudada.

3. A Participação no Estudo

"Quando vocês se reúnem, cada um tem um hino, uma lição, uma revelação, uma língua ou uma interpretação. Que tudo seja feito para a edificação" (1Coríntios 14.26). Esta visão global da vida do culto da igreja em Corinto, e o conselho do apóstolo Paulo sobre esta situação, conserva toda sua validade para o experimento do estudo bíblico em todos os tempos e lugares. Cada um

tem, na realidade, algo com que contribuir, mesmo quando se trata de uma “pergunta tola” que, com freqüência, resultam ser as perguntas mais profundas.

Uma boa maneira de estimular a participação é a divisão de tarefas dentro de um mesmo grupo e entre diferentes grupos. Para o exame do caráter literário e histórico do texto, pode-se indicar um grupo por exemplo para as perguntas sugeridas no ponto 1b, enquanto outro sub-grupo trabalha simultaneamente em uma ou duas tarefas mencionadas no ponto 1e. Quando estas investigações paralelas estiverem avançado o suficiente, os sub-grupos se reúnem, compartilham o que encontraram de maneira que se capacitem mutuamente. Então a investigação pode ser feita em conjunto, começando, por exemplo, com uma das perguntas dentro do ponto 1f, ou com tarefas para casa, se pode também marcar trabalhos para pessoas individualmente, ou para pequenas equipes.

Em uma conferência formal geralmente o estudo da Bíblia acontece no começo do dia. Contudo seria melhor colocá-lo no meio da discussão de um tema da conferência, por exemplo durante o período anterior ao almoço. Deste modo ficaria mais claro que o estudo dos textos bíblicos tem por finalidade instruir e modificar a totalidade de nosso pensar e agir, em lugar de funcionar como um começo piedoso ou pretendendo ter para tudo uma definida “visão bíblica de...”. Nas conferências de estudo de Bíblia, todos os seguintes elementos podem ser incorporados nos programas (mas não necessariamente nesta ordem): tempo para leitura e meditação; pequenos grupos com tarefas específicas; grupos de debate que façam relatos concretos e não abstratos, por exemplo...” colagem, debate ou mímica, etc; sessões plenárias com

exposições, slides, filmes, debates e cultos, se possível preparados pelos mesmos participantes, onde a teologia é transformada em doxologia, onde o estudo é resumido em louvores, orações e compromissos.

A maneira mais comprometedora de conduzir um experimento de estudo bíblico é o trabalho de pequenos grupos de pelo menos 7 e não mais de 12 pessoas. Contudo, a maioria dos grupos alcança sua finalidade somente quando pode reunir-se durante várias sessões de pelo menos uma hora de duração, e se os intervalos entre elas não são demasiadamente grandes. Em geral, é melhor formar estes grupos por um tempo limitado e marcar-lhes um determinado estudo para depois dissolvê-los, de maneira que não se convertam em grupos centrados em si mesmos.

Cada grupo deveria ter, de maneira ideal, um coordenador de estudos e uma pessoa que assessorie. O primeiro possibilita que cada participante possa realmente participar na investigação comum. O assessor deve ajudar o grupo quando este enfrentar dificuldades exegéticas. Com freqüência estas duas funções terão que ser cumpridas pela mesma pessoa. Raras vezes há suficientes assessores bíblicos disponíveis. Por isso, um bom esboço de estudo bíblico (possivelmente gravado em cassete ou vídeo-tape) pode ser também proveitoso. Também se pode considerar uma combinação de estudo grupal introduzido e concluído por sessões plenárias. Contudo, a maior necessidade, é a do treinamento intensivo de líderes ou guias para o estudo bíblico.

As vezes é impossível trabalhar em pequenos grupos porque o número de participantes é muito grande, ou porque não há suficientes líderes e assessores, ou ainda porque o tempo é muito demais curto para dividir

em grupos ou porque não há suficientes salas ou locais para o trabalho dos pequenos grupos. Neste caso não é necessário retroceder ao tradicional ensino bíblico através de monólogos, que raramente são verdadeiros estudos bíblicos. Mesmo com um grupo de 100 ou 1000 pessoas, um guia ou líder pode conseguir que cada um dos membros participe ativamente:

- Depois de uma breve introdução sobre os antecedentes do texto a ser estudado, o guia termina sua exposição com uma pergunta desafiante sobre o texto.

- Durante um curto período de silêncio todos os membros estudam o texto com o propósito de responder à pergunta formulada. Este período de silêncio e de estudo individual são importantes não só nos plenários, como também nos pequenos grupos porque nem todas as cabeças trabalham na mesma velocidade. Aqueles pensadores que parecem lentos são, com frequência, profundos pensadores!

- Estes períodos de dois ou três minutos para o estudo individual será seguido por um período de cinco ou dez minutos para compartilhar com os[as] demais companheiros os[as] descobertas feitas pelos[as] participantes. Com um arranjo adequado das cadeiras ou do modo de sentar é possível que duas ou três pessoas permaneçam juntas sem necessidade de mudar de lugar as cadeiras ou mesas, e sem ter que perder tempo dividindo em grupos diferentes.

- Depois disso poderá seguir-se um curto período de discussão geral entre o grupo e o assessor do estudo bíblico. Quando a assembléia é demasiadamente grande, e a acústica do local não ajuda, a assembléia pode ser representada por um painel de uma três pessoas que se sentam junto com o assessor à mesa, e têm acesso a um

microfone. Se os membros do painel são bem escolhidos e representam os diversos tipos de participantes, imediatamente os participantes se identificarão com “suas” locutoras no painel e desta maneira, indiretamente, participarão na discussão. (Estas discussões em painel devem ser espontâneas. Não importa se o coordenador do estudo bíblico, ou os painelistas ou do assessor, algumas vezes, não tenham resposta às perguntas formuladas ou se a discussão do painel se desenvolve menos fluída que um bem preparado show de televisão).

- O mesmo processo de exposição, estudo individual em silêncio, intercâmbio com os vizinhos[as] e discussão geral em painel pode ser repetido duas ou três vezes sem que cansem muito os[as] participantes, porque estão realmente envolvidos[as] neste processo de estudo.

- O método descrito pode também ser empregado de maneira proveitosa por pequenos grupos de estudo bíblico. Especialmente o intercâmbio com os[as] vizinhos[as] antes da discussão geral é importante. Isso permite aos[às] participantes tímidos e menos eloquentes formular primeiro suas perguntas e compartilhar suas descobertas em uma discussão privada antes de levar sua contribuição para a totalidade do grupo (o que de outra maneira não se atreveriam a fazê-lo). Ele também dá uma oportunidade “para descarregar o vapor” daquelas pessoas que sempre falam, tenham ou não alguma contribuição a fazer sobre o tema em discussão. Assim, havendo tido oportunidade de falar, elas estarão em condições de escutar. É uma experiência geral que tanto os debates em pequenos grupos quanto as amplas discussões plenárias se desenvolverão melhor depois deste processo de discussões privadas com as[os] um dos companheiros[as].

III. O Processo de Interpretação

Quando o apóstolo Paulo recordou aos cristãos de Corinto o Evangelho que lhes havia ensinado, empregou duas vezes a expressão “de acordo com as Escrituras”. Provavelmente citando o credo que ele mesmo havia recebido da Igreja de Antioquia:

“Antes de tudo vos entreguei o que também recebi; que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas, e, depois, aos doze” (1Coríntios 15.3-5).

Uma expressão semelhante é usada nos Estatutos do Conselho Mundial de Igrejas que afirma ser “uma comunhão de Igrejas que confessa o Senhor Jesus Cristo como Deus e Redentor, conforme as Escrituras, e por isso busca realizar de maneira conjunta seu chamado comum à glória de um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo”.

Que significa esta expressão “conforme as Escrituras”? Como hoje viver e confessar nossa fé “conforme as Escrituras”? A tentativa de responder a estas perguntas nos conduz à arte de traduzir e interpretar o que os teólogos chamam de “hermenêutica”. (Uma boa e re-

cente introdução a esta arte de interpretar e traduzir é o livro de bolso de J. D. Smart, *O Estranho silêncio da Bíblia na Igreja: Um Estudo de Hermenêutica* (em inglês, Londres, Filadélfia, 1970). Também o já mencionado informe sobre a "Autoridade da Bíblia" aborda estas perguntas. Este informe foi recebido pela Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas em sua reunião de Lovaina em 1971. Ele foi publicado na *Revista Ecu- mênica*, vol. xxiii/4 (Gênova, outubro de 1971, pp 419-437, e as citações dos parágrafos seguintes foram tomadas também deste informe).

1. Da tradução à interpretação

Há um conflito entre os tradutores da Bíblia. Alguns dizem que a mensagem de um texto está intimamente relacionada com a forma na qual ele foi escrito originalmente, que o texto original hebraico ou grego deve ser mantido o mais cuidadosamente possível. A linguagem bíblica – segundo eles – é a língua materna dos cristãos. Por isso o conjunto de imagens empregadas por judeus e gregos, assim como as características particulares da gramática e da sintaxe hebraica e grega, devem ser respeitadas. A linguagem deste tipo de tradução pode soar estranha hoje em dia. Mas, uma tradução demasiadamente simplificada, que pode ser lida como uma novela, diluiria o escândalo e a gravidade que são inerentes aos textos bíblicos. Uma tradução que aponta para uma fácil e prazerosa leitura poderia também ameaçar a unidade da Bíblia onde o emprego de um termo ou de uma imagem deve recordar ao cuidadoso leitor muitos outros onde aparecem os mesmos termos ou imagens.

Outros tradutores sustentam que as estruturas da linguagem e pensamento dos leitores e ouvintes de hoje

devem ser respeitadas tanto quanto a linguagem bíblica original. Por isso, no processo de tradução, se deve permitir uma ampla liberdade. A fim de dizer o mesmo em outro idioma ou cultura, será necessário expressar-se de uma forma bastante diferente. Por outro lado, tentar dizer o mesmo da mesma forma em outro ambiente, corre-se o risco de obscurecer ou mudar a mensagem. No recente trabalho das Sociedades Bíblicas se dá preferência a este segundo tipo de tradução conhecido como "tradução dinâmica equivalente" (confirma isso a versão da *Bíblia na Linguagem de Hoje*) especialmente se a tradução é destinada a propósitos missionários. Este segundo tipo de tradução é, já, um começo de interpretação.

Para o experimento do estudo bíblico se pode aprender muito dos enfoques mencionados. É bom ter traduções concordantes como uma base para o estudo, particularmente para aqueles que não conhecem o grego nem o hebraico. Por outro lado, a tradução dinâmica abre caminho para que o estudo da Bíblia continue, quer dizer, passe da tradução para a interpretação.

2. Episódios Interpretados

A maioria dos textos bíblicos se referem aos acontecimentos nos quais se baseia a fé dos judeus e dos cristãos, por exemplo: a libertação do Egito ou a crucificação de Jesus. Ao mesmo tempo eles interpretam estes acontecimentos. "Toda reconstrução do que realmente aconteceu não é outra coisa mais do que uma hipótese mais ou menos razoável. Isto se aplica tanto à investigação bíblica quanto à história secular. Por isso os episódios informados não são nunca "fatos puros", ao contrário, nos são acessíveis com a roupagem da interpretação

dos autores bíblicos". "Os acontecimentos como tais não têm, significação revelatória mas são, por assim dizer, mudos e necessitam de interpretação se a voz de Deus se pretende ouvir. Em certo sentido, a interpretação é o processo. Por outra parte, o caráter histórico da revelação é de capital importância. A relevância das interpretações reside essencialmente nos processos aos quais elas se referem e pelos quais essas são determinadas".

Estas interpretações da tradição da fé, que se encontram na Bíblia mesma, são feitas com vistas a um novo tempo e meio ambiente concretos (veja a Introdução, ponto 3). Os textos bíblicos são, por isso, o fruto de um diálogo entre uma tradição de fé transmitida e os temores e esperanças, perguntas e descobertas, de um novo grupo de ouvintes. O processo de interpretação é algo contínuo, por isso encontram-se na Bíblia diferentes interpretações de um mesmo episódio (por exemplo, os quatro Evangelhos).

3. Uma Unidade que deve ser sempre descoberta de novo

Devido a esse contínuo processo de interpretação, que tem criado uma abundante diversidade de interpretações bíblicas, é impossível sistematizar os textos e tradições bíblicas em uma teologia do Antigo e/ou Novo Testamento. Nem se deve comprimir este rico desenvolvimento de afirmações bíblicas em um só padrão de história da salvação.

Isto não representa um perigo para a unidade da Bíblia, e esta ênfase no contínuo processo de interpretação não debilitará a verdade das afirmações bíblicas?

A forma tradicional de manter a unicidade a Bíblia

foi, consciente ou inconscientemente, utilizar um "cânon dentro do cânon", um centro a partir do qual se interpretava todo o texto da Bíblia. Mas os crentes, ao viverem em diferentes tempos, culturas e confissões, usaram diferentes "cânones dentro do cânon". Estas ênfases diferentemente centradas na Bíblia têm dividido ainda mais as igrejas! Mais ainda, fixar um centro estático a partir do qual todo o resto é interpretado não faz justiça ao único "centro" verdadeiramente dinâmico da Bíblia, a saber, o Deus vivente de Abraão, Isaque e Jacó, que se revelou em Jesus Cristo. O relatório ecumênico citado no princípio estabelece:

"Não podemos atribuir permanente autoridade a um círculo interior de escritores ou declarações bíblicas e interpretar o resto em torno deste círculo interno. Sem dúvida as declarações bíblicas têm conexões internas e muitas destas conexões estão diretamente relacionadas com os atos centrais da salvação, enquanto que outras são derivadas destas declarações primárias, como conclusões ou como complemento das explicações delas. Diferentes declarações, diferentes escritos e grupos de escritos, daí que cada um tem diferentes centros".

Se pode falar de Jesus Cristo, do Reino de Deus, da morte e ressurreição de Jesus Cristo, como centros de relação para todo o Novo Testamento, mas nenhuma destas fórmulas devem ser consideradas como exclusivas.

A unidade da Bíblia aparece quando todos os centros de relação são mantidos juntos em tensão, complementando-se e corrigindo-se mutuamente. Nenhuma sistematização a respeito destes centros pode ser formulado até agora. Nas próximas gerações e em ambi-

entes culturais ainda desconhecidos, o Espírito provavelmente conduzirá à Igreja a descobrir novos pontos de união em torno dos quais os textos e tradições bíblicos podem ser agrupados. Precisamente, como a lista dos dons do Espírito foi deixada aberta pelo apóstolo Paulo, assim devemos deixar aberta a lista destes centros relacionadores.

Muitas decisões e influências, conscientes ou inconscientes, determinam nossa eleição deste ou daquele centro relacionador para a interpretação. Fatores confessionais, culturais e pessoais têm um papel. Ninguém deveria, ou de fato pode, interpretar um texto bíblico referindo-o, simultaneamente, a todos os possíveis centros relacionais. Por isso nós necessitamos uns dos outros, não somente dentro de uma igreja e ambiente locais, mas também entre confissões, culturas e épocas.

4. Interpretação Contínua

Os textos bíblicos foram escritos para casos específicos. Eles devem ser lidos e compreendidos desta maneira. Por esse contínuo processo de interpretação a Bíblia nos provê não só com o "material" a ser interpretado, mas também com os "modelos" referentes à forma de interpretação.

O relatório sobre "A Autoridade da Bíblia" estabelece:

"Se o processo de interpretação contemporâneo é visto como o prolongamento do processo interpretativo que é reconhecível na Bíblia, então se deve atribuir importância considerável à situação atual em nossa interpretação das Escrituras. Justamente, como os escritores bíblicos responderam a uma situação particular, do mesmo modo a

interpretação contemporânea está também determinada pela nossa própria situação. As perguntas que foram postas no texto bíblico desempenham um grande papel em sua interpretação. Naturalmente, o texto tem seu próprio peso. Ele levanta suas próprias perguntas e certas interrogações que brotam de nossa própria situação não encontram eco na Bíblia. Seu alcance está limitado, em princípio, pela realidade atestada nele. Mas a situação, com seus elementos dados e problemas abertos, determinam a perspectiva dentro da qual o testemunho bíblico deve ser lido e interpretado".

O fato de que o processo de interpretação continue através dos séculos levanta o problema se o texto bíblico continua sendo a norma, e de que forma isto se dá. Que significa "conforme as Escrituras", se os textos bíblicos devem ser continuamente re-interpretados e se a presente situação exerce um importante papel nesta interpretação? Respondendo a esta pergunta o freqüentemente citado relatório ecumênico diz, por um lado, que: "A Bíblia não é uma norma que nos foi imposta externamente. Pelo contrário, ela deve ser lida e escutada dentro do testemunho da comunidade, a Igreja". Por outro lado, "a prioridade da Bíblia para o pensamento e ação da Igreja" é fortemente enfatizada. "A Bíblia não é um patrimônio do qual nós podemos dispor livremente, nem é exatamente uma fonte de inspiração dentre outras muitas". O papel da Bíblia é, por conseguinte, melhor descrito como o de um guia crítico que acompanha as Igrejas em sua peregrinação. Sem a disciplina de estudar e aprofundar o conhecimento da Bíblia, os cristãos, igrejas e movimentos ecumênicos, perderão seu sentido de direção.

5. Quando “não há palavras do Senhor”

Quando fizeram ao apóstolo Paulo perguntas a respeito de éticas sexuais, só uma vez ele pôde citar a palavra do Senhor. Nas demais vezes, simplesmente, teve que dar sua opinião pessoal. Por uma segunda vez insistiu neste fato: “Eu digo, não o Senhor” (1Co 7.12,25).

Naturalmente, há perguntas humanas que são básicas, dilemas e esperanças que não mudaram muito durante os últimos dois ou três mil anos. Para tais perguntas, muitos textos bíblicos nos falam diretamente (ver ponto 3.a do capítulo *Três enfoques complementares*) e o processo de interpretação não necessita ir longe. Sem dúvida, ainda estas situações humanas básicas – tal como o momento da morte – são experimentadas de forma diferente por nós e pelas pessoas de tempos e culturas antigas. Mais ainda, tem surgido situações totalmente novas, para as quais não se pode encontrar analogias nos tempos bíblicos. Então não há “Palavra do Senhor”? Pode o estudo da Bíblia lançar algumas luzes sobre tais problemas, tais como a participação na tomada de decisões da indústria, a luta contra o racismo moderno, ou a experiência biomédica com seres humanos?

Ao enfrentarem-se com tais problemas muitos dizem que o estudo da Bíblia não é aplicável a certas éticas sociais. Outros quererão harmonizar diversas afirmações bíblicas em um sistema de “teologia bíblica” e “ética bíblica” usando estas como uma norma-comentário nos problemas em discussão. Todavia outros isolarão textos bíblicos do seu contexto original e desta maneira se permitirão dizer coisas que podem ser pertinentes mas que

têm pouco que ver com o texto original. Estas três possibilidades contêm elementos errôneos e verdadeiros.

Algumas vezes é seguramente mais honesto não relacionar o estudo bíblico com um problema novo que não tem precedentes. Como Paulo, temos que ser humildes e ter coragem para declarar: “Eu digo, não o Senhor”. Falaremos e atuaremos sem ter a ousadia de reinterpretar uma tradição de fé canonizada. Fazê-lo assim é arriscado. Crentes e igrejas que não permanecem dentro da disciplina de um estudo bíblico efetuado comunitariamente podem cair em erro. Aqueles, porém, cujo discernimento está treinado pela disciplina do estudo da Bíblia podem esperar descobrir a vontade de Deus em situações totalmente sem precedentes.

Algumas vezes será necessário partir não de um texto particular mas de uma perspectiva bíblica mais geral. Quais são as diversas perspectivas da vocação da pessoa nas variadas tradições bíblicas e qual é a perspectiva geral que nós obtemos dela? Com esta perspectiva em mente serão examinados os novos problemas que o ser humano enfrenta atualmente. Não devemos esperar que tais meditações bíblicas providenciem soluções imediatas. No entanto, poderemos descobrir novas dimensões para a compreensão de situações novas. Aqui e ali podem surgir novas formas em que estas situações se encaixem criativamente.

Algumas vezes é também útil estudar textos bíblicos bem selecionados relacionando-os com novos problemas que não possuem antecedentes. A atitude de Jesus frente aos poderes políticos de sua época pode, por exemplo, ensinar-nos algo para a luta contra o racismo em nosso tempo. No entanto, dever-se-á ter muito cuidado para não tirar conclusões precipitadas. Com freqü-

qüência tais estudos da Bíblia não produzirão resultados ou produzirão outros resultados diferentes daqueles que buscávamos. Contudo, este é o risco que devemos correr não só com todos os experimentos do estudo da Bíblia mas também com todos os atos verdadeiros da vida.

Esta maneira de realizar um estudo bíblico tem semelhanças com a forma na qual o Antigo Testamento era usado pela Igreja Primitiva. Raras vezes os primeiros cristãos partiam de um texto do Antigo Testamento para re-interpretá-lo em seu próprio tempo e situação. Melhor, eles partiam de sua própria situação concreta e particularmente das coisas que não podiam compreender, tal como a crucificação de Jesus, etc. Depois regressavam às Escrituras e procurando encontrar textos e perspectivas que pudessem dar-lhes indícios para entender e coragem para agir. O caminho não ia do antigo texto bíblico ao problema concreto, senão que de um presente ininteligível para regressar às Escrituras; e daí para a compreensão de um presente significativo e um obediente compromisso com ele. Este não é um método "prova-texto" senão, melhor, um método "indício-texto". Os textos e perspectivas bíblicas funcionam como indícios. Servem como guias, sugerem linhas de pensamento e motivam a ação. Esta é a forma como a Igreja vive "conforme as Escrituras".